

EDUCAÇÃO E TRABALHO NA PERCEPÇÃO DOS JOVENS NEGROS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM SÃO JOÃO DE MERITI/RJ

Cintia Lopes de Melo Rodrigues¹

¹ Rio de Janeiro. Mestrado em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

As transformações no mundo do trabalho no contexto de capitalismo digital têm sido amplamente discutidas pela literatura do pensamento histórico-crítico. De modo geral, destacam os efeitos do avanço das políticas neoliberais nas condições objetivas e subjetivas da classe trabalhadora, tal qual as alterações provocadas pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) na forma de interação social. Entre as consequências produzidas pelo neoliberalismo, ressaltam-se: o ataque aos direitos, o aumento do desemprego, a superexploração do trabalho, o crescimento da informalidade e de contratos de trabalhos flexibilizados, como a terceirização, os trabalhos mediados por plataformas digitais, como o teletrabalho e o fenômeno da uberização (Abílio, 2019; Antunes, 2000).

Estudos do campo do Trabalho e da Educação também apontam que as reformas recentes no Ensino Médio, pela Lei nº 13.415/2017, têm contribuído para reforçar os princípios neoliberais por meio do discurso de valorização do sujeito empreendedor. A redução das disciplinas tradicionais, especialmente aquelas voltadas ao desenvolvimento de pensamento crítico, desvela a intencionalidade da reestruturação curricular, qual seja, a formação de trabalhadores acríticos e conformados com as relações de trabalho cada vez mais precarizadas.

As juventudes são as mais impactadas pelas mudanças instituídas pelo novo padrão flexível de acumulação, já que é o segmento da população brasileira que enfrenta maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal, principalmente os jovens de baixa escolaridade. A situação foi agravada após a crise sanitária da Covid-19 quando se verificou que dos 12,8 milhões de brasileiros desempregados no segundo trimestre de 2020, 7,3% eram jovens (IBGE, 2020). Entre aqueles que não estudam nem trabalham, os jovens negros compõem o grupo majoritário (IBGE, 2023), sendo os do gênero masculino os mais inseridos em trabalhos informais em plataformas digitais de entrega (delivery) por aplicativos (Cebrap, 2023). Desse modo, as mudanças no Ensino Médio não poderiam ser mais perversas para este grupo de jovens, para os quais, diante do contexto de desemprego estrutural, está reservada a inserção em trabalhos precários e, majoritariamente, informais.

Entendendo que o desemprego e a precarização do trabalho impactam nas experiências juvenis, a pesquisa em andamento “Educação e trabalho na percepção dos jovens negros estudantes do Ensino Médio em São João de Meriti/RJ” tem como objetivo identificar a percepção de jovens negros, concluintes do Ensino Médio, sobre a relação entre educação e trabalho.

O interesse pela pesquisa nasce da preocupação com o contexto de precarização do trabalho e incertezas que atravessam as juventudes brasileiras, especialmente negra, masculina e periférica. Diante da carência de estudos que articulem raça, gênero, classe e educação a partir da perspectiva materialista histórico-dialética, este trabalho busca compreender, pelas narrativas dos jovens, como eles percebem a relação educação-trabalho. A contribuição acadêmica ocorre ao ampliar o debate sobre juventudes negras e trabalho, considerando as experiências e condicionantes sociais que as atravessam.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A presente discussão é um pequeno recorte da pesquisa desenvolvida no curso de mestrado. De abordagem qualitativa e fundamentada no método do materialismo histórico-dialético, para o levantamento das informações o estudo fez uso de entrevistas semiestruturadas realizadas com 16 estudantes de uma escola estadual, localizada no município de São João de Meriti - RJ. A seleção dos jovens voluntários contou com os seguintes critérios: ser estudante

do 3º ano do Ensino Médio regular, ser negro, ser do gênero masculino, ter mais de 18 anos de idade e participar de forma voluntária à pesquisa mediante à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As narrativas dos estudantes são identificadas através de nomes fictícios, garantindo o anonimato.

A prioridade do estudo pelo gênero masculino não significa deixar de reconhecer que as jovens negras enfrentam dificuldades de múltiplas ordens, inclusive em relação à escolarização e à inserção no trabalho. O recorte no gênero masculino se justifica, sobretudo, por serem alvos preferenciais da violência letal (Cerqueira; Bueno, 2023), um dos elementos centrais para compreender as vivências dos jovens negros.

A escolha do método do materialismo histórico-dialético deve-se à consideração de que este ajuda a identificar as múltiplas mediações que determinam o fenômeno social em análise e suas contradições, permitindo ultrapassar sua forma aparente (Kosik, 1976). Além das categorias do método, outra categoria de análise importante foi raça, aqui compreendida como uma ideologia política construída como argumento para justificar o controle e dominação, como instrumento para a manutenção dos privilégios da elite branca dominante. Portanto, possui caráter não apenas étnico, mas também ideológico e político (Moura, 1994). Assim, considera-se para esta pesquisa as intersecções de classe, gênero e raça, uma vez que essas mediações produzem diferentes modos de viver a juventude no contexto capitalista em função de suas condições histórico-sociais e culturais.

RESULTADOS

Para os estudantes, os fatores mais importantes para a conquista efetiva de um emprego são: “Habilidades Pessoais” (para 52,4% dos participantes da pesquisa), “Qualificação” (33,3%) e “Experiência” (14,3%).

A “Qualificação” é compreendida pelos estudantes como a realização de cursos de informática, línguas estrangeiras, cursos técnicos e a própria escolarização. Já as “Habilidades Pessoais”, são descritas como disciplina, agilidade, foco, atitude, força de vontade, bom comportamento, carisma, boa comunicação, boa aparência e responsabilidade. Como se observa, ainda que uma parcela significativa de jovens considere a qualificação um elemento importante na conquista de um emprego, as habilidades pessoais se sobrepõem à qualificação.

Isto diz um pouco a respeito de como eles concebem a relação educação-trabalho, já que para 62,5% dos entrevistados, a escola não contribui para sua inserção no mundo do trabalho. De acordo com suas palavras, “ajuda porque quando termina o Ensino Médio tem mais uma facilidade do que quem não concluiu o Ensino Médio. Porque não interfere em nada além disso, de ter só o diploma do Ensino Médio, só isso que ajuda, mais nada” (Ailton, 2024). Outro, alega que “a maioria das coisas que eu aprendi na minha vida, ainda mais sobre trabalho, não foi na escola, entendeu? Aprendi na rua, aprendi na vida, com outras pessoas me dando conselho” (Jonas, 2024).

A razão dos participantes para a ausência de contribuição da escola se resume em “falta de sentido social do conteúdo escolar” (60%), “mera certificação” (20%) como função da escola e “currículo incompatível” (20%) com suas necessidades atuais.

Você aprende o básico do básico, sabe? O básico de matemática, o básico de português. Aí faz a prova e quando acabou, pega sua nota e pronto. Eu gostaria de aprender mais sobre educação financeira, gostaria de aprender mais sobre política, é uma coisa que me seria bom (Bruno, 2024).

Apesar disso, 93,75% considera importante concluir a Educação Básica, pois “obter o diploma/certificado” é essencial para a conquista de um emprego – uma ideia presente no imaginário social, que tem servido para justificar o alto índice de desemprego.

Enxergar a escola enquanto mero instrumento de certificação é um dos efeitos das políticas educacionais neoliberais que esvaziam o sentido de formação humana integral para o desenvolvimento pleno dos estudantes (Barbosa, 2019). No discurso neoliberal difundido socialmente, a priorização das habilidades e competências pessoais, “soft skills”, são mais relevantes que o conhecimento científico.

Outro aspecto a destacar é o sentimento de não pertencimento dos estudantes negros ao espaço escolar - na maioria, trabalhadores - motivado pelo fato de o currículo pouco valorizar suas vivências extraescolares, isto é, privilegiando os saberes dominantes como legítimos e desqualificando outras culturas e histórias que não sejam as dos grupos hegemônicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas demonstram importantes reflexões acerca dos sentidos atribuídos à educação e ao trabalho por uma parcela de jovens. Entretanto, a amostra restrita a 16 participantes limita a generalização dos resultados, posto que não corresponde à maioria dos jovens negros do Brasil. O que não compromete a relevância do estudo, mas reconhece o caráter aproximativo e provisório do conhecimento científico.

O estudo aponta para a necessidade de pesquisas que busquem compreender as particularidades regionais que influenciam nas percepções dos jovens negros sobre a relação entre educação e trabalho, a fim de ampliar o debate acadêmico sobre raça, juventudes e mundo do trabalho para construção de políticas públicas eficazes e fortalecimento dos movimentos contra as desigualdades.

REFERÊNCIAS

ABILIO, Ludmila Costhek. Uberização do trabalho: subsunção real da viração. **Blog Boitempo**, [s.d.; s. l.] 2017.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. Capítulo II: La Ciudadania Negada. **Políticas de Exclusión en la Educación y el Trabajo: CLACSO**, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000.

BARBOSA, Carlos Soares. O Novo Ensino Médio de tempo integral: reducionismo, privatização e mercantilização da educação pública em tempos de ultraconservadorismo. **Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ)**, v. 8, n. 19, 2019.

CEBRAP, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. **Mobilidade urbana e logística de entregas: um panorama sobre o trabalho de motoristas e entregadores com aplicativos**. 1. ed. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento Cebrap, 2023.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira. **Atlas da violência 2023**. Brasília: Ipea; FBSP, 2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Agência IBGE Notícias**. PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não complementaram o ensino médio.

15 julho de 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Um em cada cinco brasileiros com 15 a 29 anos não estudava e nem estava ocupado em 2022.** Agência IBGE Notícias, Editoria: Estatísticas Sociais, 2023.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MOURA, Clóvis. O Racismo como arma ideológica de dominação. **Revista Princípios**, São Paulo, n. 34, 1994, p. 28-38.